

Editorial

Bandeira branca

Levantar uma bandeira branca em meio a um conflito é um ato que costuma ser interpretado como sinal de paz, de trégua. A relação entre editores e autores pode, algumas vezes, gerar algum conflito. Já ouvi muitas histórias de troca de “farpas” em meio a pareceres e decisões editoriais. Eu ainda não havia vivenciado nenhuma troca desse tipo até responder a um e-mail de autores sugerindo que não submetessem seu artigo pela terceira vez à RPI. O artigo em questão já havia sido avaliado duas vezes.

Todos os artigos que chegam à RPI passam, inicialmente, por uma rigorosa conferência de normas. Temos assistentes voluntários treinados que, por meio de checklists, fazem tal conferência. Embora esteja indicado em nosso website que artigos que não atenderem a todas as diretrizes da revista serão rejeitados, até hoje nunca recebemos um artigo que as atendessem plenamente. Muitas vezes a decisão é por solicitar que os autores ajustem os artigos e os reencaminhem para que o processo editorial siga. Em alguns casos, a decisão é por rejeitar o artigo já nessa etapa inicial. Tal decisão se dá, principalmente, pela análise do método, quando se trata de artigo empírico. Quando há fragilidades metodológicas substanciais, é tomada a decisão, pelos editores, de rejeitar o artigo e não encaminhá-lo aos pareceristas. Encaminhar um artigo com sérias fragilidades metodológicas aos pareceristas seria onerar um sistema que já está sobrecarregado. Quando a decisão pela rejeição é tomada pelo/a editor/a, sempre temos o cuidado de indicar os motivos específicos para tal. Foi exatamente isso que fiz com um artigo quando ele foi submetido à RPI – o artigo foi rejeitado e no e-mail encaminhado aos autores foram indicadas as fragilidades metodológicas. Algum tempo depois, ao conferir as novas submissões à RPI, me deparei com o mesmo artigo. Conferi se os autores haviam feito os ajustes necessários em termos de formatação, bem como se as fragilidades metodológicas indicadas anteriormente tinham sido solucionadas ou, ao menos, resolvidas e justificadas. Infelizmente não. Diante disso, a decisão foi pela rejeição do artigo.

Passados alguns dias da rejeição da segunda submissão do mesmo artigo, recebo um email no qual os autores questionavam a revisão das normas e indicavam que “não há fragilidade na metodologia, PORQUE ESSA É A METODOLOGIA” (as letras maiúsculas foram usadas pelos autores no e-mail). Lembro que fiquei totalmente sem ação ao ler o

DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2021.v13i1.4582>

Como citar este artigo / To cite this article: [clique aqui!/click here!](#)

e-mail. Decidi, após consultar colegas da RPI, que não responderia. Um de nossos editores sugeriu que eu abordasse isso em um editorial e decidi fazê-lo. Tomei essa decisão porque acredito que a situação pela qual passei não é incomum, infelizmente. Editores devem receber esse tipo de mensagem, assim como autores devem receber de editores. Mas porque isso acontece se, idealmente, a relação entre editores e autores deveria ser de parceria? Eu tenho, pelo menos, duas hipóteses do porque pode haver conflitos e troca de “farpas” entre editores e autores, em ambas direções: a forma como as críticas são percebidas e o produtivismo.

Ao receber a rejeição de um artigo, autores (eu também sou um!) podem se sentir pessoalmente atacados. Ou seja, ao invés de perceberem a crítica como sendo ao trabalho desenvolvido (pesquisa e conseqüentemente ao artigo), podem entender a crítica como pessoal. Isso pode acirrar os ânimos e gerar conflitos. Falo por experiência própria: Não respondam rejeições de artigos logo que as receba. Deixem a “poeira baixar”. Ninguém gosta de perceber que seu trabalho teve falhas, mas somente a partir da constatação delas é que é possível melhorar. Lembre-se sempre: As críticas são “*At verbum not ad hominem*” (Bem, 1995).

O processo de publicação científica é longo e trabalhoso. Começa muito antes da submissão, quando se realiza uma pesquisa. Ao final de todo esse processo, de pesquisa e de submissão do artigo, se espera obter êxito, ou seja, publicar o artigo em uma boa revista. Esse longo processo, por si só, já bastaria para explicar o descontentamento inicial com uma rejeição de artigo. No entanto, há um outro elemento a ser considerado: a necessidade (ou seria pressão?) de publicar um alto número de artigos.

Mesmo que esforços estejam sendo empreendidos para que as métricas de avaliação de pesquisadores e de programas de pós-graduação não estejam centradas na quantidade de publicações, o que se vê, ainda, é a ênfase no número de publicações. Isso gera uma série de conseqüências, nem sempre muito boas para a área acadêmica. Dentre elas, a busca por publicar maior número de artigos em menos tempo, atrapalhando a qualidade destes artigos. A necessidade (ou pressão) por publicar vai de encontro ao processo natural de pesquisa e escrita científica, que requer tempo. A falta de tempo acaba comprometendo a qualidade dos artigos submetidos, aumentando as chances de rejeição. A questão aqui é complexa e requer um olhar abrangente. A responsabilidade não é única dos autores quando isso ocorre. Há todo um contexto que propicia tal panorama.

Longe de esgotar a discussão, chego ao final desse editorial retomando seu título: bandeira branca. Esse título é, justamente, um apelo para que todos, autores e editores, considerem os fatores que podem estar envolvidos em situações de conflito. Visões reducionistas, por mais que as utilizemos, nas quais vemos os outros como inimigos, não nos conduzirão a soluções de problemas. Foi por isso, por entender que muitos fatores poderiam estar envolvidos na reação dos autores às rejeições de seu artigo

submetido à RPI, que decidi não mais responder. Às vezes, continuar o debate apenas estende o conflito. É preciso saber o momento de recuar. Esse recuo, longe de ser um sinal de ignorância, pode ser o hasteamento de uma bandeira branca.

Jean Von Hohendorff, Editor-chefe
IMED

Referência

Bem, D. J. (1995). Writing a review article for Psychological Bulletin. *Psychological Bulletin*, 118, 172-177.